

Ferreira da Silva: biografia breve e nota bibliográfica

João B. Serra

(Professor da Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha)

Nasceu no Porto, em 1928. Ali iniciou a escola primária que viria a concluir em Coimbra, quando a família aqui se fixou, em razão do trabalho do Pai. Este era litógrafo e desenhador gráfico.

Em Coimbra, o jovem Ferreira da Silva ingressou na escola técnica Avelar Brotero, onde foi aluno de José Contente, desenhador, pintor, gravador, e António Vitorino, aguarelista, natural das Caldas, responsável pelo curso de pintura cerâmica.

É também em Coimbra que começa a trabalhar, adolescente ainda, como pintor, na “Coimbra Frutuoso”, localizada nas Lajes. O passo seguinte levá-lo-á até ao Bombarral, à “Cerâmica Bombarralense”, pelos seus 16 anos.

Jorge de Almeida Monteiro, o director técnico da “Cerâmica Bombarralense”, apercebeu-se da sua vocação e animou-o. Pôs à sua disposição uma prensa de gravura. Monteiro recebia as visitas dos artistas Júlio Pomar e Alice Jorge, Vasco Pereira da Conceição e Maria Barreira. Os dois primeiros interessavam-se pela cerâmica. O jovem Luis Ferreira da Silva travou conhecimento com o casal. Contactou igualmente com João Fragoso que viera orientar o desenho de uma produção de azulejos destinada ao novo Quartel das Caldas. A liberdade de mão do escultor e as inovações que introduziu na tradição do azulejo despertaram-lhe a atenção.

O ambiente cultural que se respirava no círculo de Almeida Monteiro era marcado pelo neo-realismo. Ferreira da Silva identifica-se com esta corrente estética e ideológica. Pomar aprecia os seus trabalhos na gravura e leva alguns até aos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes.

No Bombarral manteve-se cerca de quatro anos, até ao serviço militar. Cumpriu ano e meio, em Coimbra. Regressou depois ao Bombarral, mas por pouco tempo, pois a fábrica sofreu um incêndio.

Encontrou trabalho em Alcobaça, como pintor cerâmico, primeiro numa cerâmica da Vestiaria, a “Vestal” (onde se fazia a chamada “louça de Alcobaça”) e depois na “Olaria de Alcobaça”, uma empresa de que o Prof. Vieira Natividade era um dos sócios.

Na “Olaria” trabalhava-se com pasta branca calcítica. Foi aí que Ferreira da Silva se sentiu tentado a romper com a produção corrente das fábricas de cerâmica e tentou as primeiras peças criativas.

Pinto Ribeiro, fundador e director da Secla, descobriu-o então, convidando-o para chefiar a secção de pintura. A Secla, criada em 1947, era uma grande empresa, uma das maiores na faiança, na região, e nela se respirava uma atmosfera mais evoluída e exigente técnica e artisticamente. Isso atraiu-o. Estávamos em 1954.

Na Secla, conheceu Hansi Staell que desenhava modelos para a produção. A artista, de nacionalidade húngara, consolidara uma viragem cultural na empresa, que levava ao abandono do padrão tradicional da louça das Caldas em favor de novos conceitos de design.

Fora do rígido horário laboral, Ferreira da Silva, prosseguia a sua busca de um espaço mais pessoal e criativo. Beneficiou então da experiência e camaradagem de Hernani Lopes, professor na Escola Comercial e Industrial caldense, um excelente pintor, discípulo de Abel Manta e que frequentara as aulas de Vasquez Dias em Madrid. Reencontrou Júlio Pomar que veio até às Caldas fazer um mural para o Café Central e na ocasião frequentou o Studio da Secla realizar algumas peças cerâmicas.

Em 1957 concorreu à Exposição de Artes Plásticas da Gulbenkian e foi seleccionado para a secção de gravura. Surgia assim pela primeira vez integrado no lote das principais figuras das artes portuguesas. Este estatuto entrava em choque com o seu lugar na fábrica, onde lhe competia, basicamente, reproduzir com fidelidade os modelos imaginados por outros.

Em 1958, na sequência de um atrito com Pinto Ribeiro, abandonou a “Secla”. Iniciou uma produção própria - peças únicas ou pequenas séries - que cozia na oficina de Afonso Angélico, nas Caldas da Rainha. O seu proprietário, membro de uma família com ligações à cerâmica e à escultura, era um homem aberto à inovação nos processos de fabrico e nos modelos. Colocou à disposição de Ferreira da Silva o seu equipamento, nomeadamente o forno, proporcionou-lhe rodista, interessou-se pelas suas experiências com vidrados. As peças produzidas na “Afonso Angélico” eram comercializadas pela “Sopal”, uma loja do Chiado, em Lisboa, que importava objectos de design escandinavos.

Consciente da evolução da situação e disposto a aceitar uma mudança de estatuto, Pinto Ribeiro contacta-o de novo e insiste para que regresse à “Secla”. Entre ambos estabelece-se um acordo de trabalho nos seguintes termos: duas semanas de trabalho

prestados à empresa, ficando os restantes dias inteiramente livres para o artista. Os trabalhos realizados na “Secla” seriam por esta comercializados.

Inicia-se aqui, para Ferreira da Silva, um período, que decorre entre 1960 e 1967, de intensa experimentação, nomeadamente na mistura de óxidos nos engobes e nas pastas. Nessa nova fase na “Secla”, foi importante o diálogo com António Cardoso, um dos técnicos mais considerados na sua área.

No seu regresso à empresa, ocupou inicialmente uma pequena oficina, ao lado do laboratório onde tinha trabalhado Hansi Stael. Obteve mais tarde autorização da Direcção da empresa para contratar um oleiro para trabalhar consigo. É assim que surge o “Curral”, uma oficina onde também trabalham um preparador de pastas e um modelador para as séries de azulejos e placas.

Importa referir neste período a relação estabelecida com Santiago Areal, artista que teve residência em Óbidos. Areal notou a estrutura invulgar das peças de Ferreira da Silva, o seu conceito de decoração como patine. Aconselhou-o, e, dado o prestígio que de já gozava, transmitiu-lhe confiança.

Ferreira da Silva define um estilo, na escultura cerâmica ou em metal, tal como na gravura. O autor manifesta um gosto predominante pelos materiais que oferecem resistência, pelas formas possantes, pelas decorações esgrafitadas, pelas patines obtidas a partir de engobes pretos e vidros de efeito metálico.

A sua intensa e inovadora produção obtém então amplo reconhecimento. Em 1961, é seleccionado para a II Exposição organizada pela Gulbenkian e a peça de com que está presente é saudada pelos crítica, nomeadamente José Augusto França. Em 1964 expõe na Galeria 111, em Lisboa. Nesse mesmo ano é-lhe atribuído o Prémio Nacional de Escultura Soares dos Reis. O *Jornal de Letras e Artes* dedica-lhe uma grande entrevista. Em 1967 a Fundação Calouste Gulbenkian concede-lhe uma bolsa. Nesse ano parte para Paris, onde frequenta a Escola de Manufactura.

A experiência parisiense não se revelou particularmente gratificante. A crítica e o ensino artísticos não tinham aí integrado ainda a cerâmica, que viam como um domínio de expressão menor. A obra cerâmica de Picasso (que influenciara Ferreira da Silva) ainda era de poucos conhecida e por poucos valorizada. Em suma, o artista encontrou em Paris um campo experimental menos interessante do que aquele que ele próprio tinha já percorrido. Em Junho de 68, no rescaldo dos acontecimentos de Maio, voltou a Portugal.

Regressa à “Secla”, mas por pouco tempo. A fórmula do “Curreal” esgotara-se. A empresa não deu resposta às condições que colocou para retomar o seu trabalho. Rumou então ao Porto, aceitando um convite da Galeria Espaço, com o estatuto de Artista exclusivo. A Galeria comprometia-se a facultar-lhe a possibilidade de trabalhar com uma fábrica de porcelana em Meadela, Viana do Castelo, e uma outra em Ermesinde. Na primeira, deparou-se, pela primeira vez, com as altas temperaturas. Em Ermesinde, a fábrica, do Grupo Lusitânia, fazia manilhas em grés salgado. O interesse de Ferreira da Silva pelo grés, que tinha sido despertado quando ainda trabalhava no “Curreal”, pode aqui ser aprofundado.

Estava-se em 1970, quando um advogado e empresário caldense, António Freitas, amigo de longa data do ceramista, lhe propõe uma sociedade com Fernando Figueiredo, para a construção de uma fábrica de grés. Figueiredo era proprietário de uma fábrica de tijolo em Torres Vedras e de uma pequena unidade de pintura de azulejos na Benedita, Alcobaça, Surge deste modo a empresa “Ceramex”, dando outra dimensão a esta oficina da Benedita e acrescentando à produção de azulejo louça utilitária. Durante cinco anos produziu séries de louça de hotel de excelente confecção. O produto foi bem aceite, em Portugal e no estrangeiro sendo adquirida pela Ikea e pela Block. Ferreira da Silva tornou-se designer.

Mas não abandonou a produção a partir da roda (na fábrica da Benedita havia um rodista). Continuou a realizar peças rodadas e voltou às placas de revestimento. Mas foi sobretudo um período de grande actividade no desenho, centrado em temas inspirados pelo ambiente da Nazaré, uma paixão antiga do artista.

Em 1975, sobreveio a morte inesperada de António Freitas. A “Ceramex” desorganizou-se e soçobrou. Ferreira da Silva volta então ao Porto, onde monta, com dois sócios, uma unidade de produção de grés para o fabrico de bases de candeeiros e acessórios (cinzeiros, jarrinhas, cachepots, guarda-jóias). Era a “Rolcer”, que funcionava em articulação com a “Roldana”, empresa que fabricava os abat-jours para os candeeiros.

No princípio da década de 80, a administração da “Secla” solicita a sua colaboração numa campanha de renovação da imagem da empresa. A “Secla” estava então envolvida no projecto de criação de um Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica (os primeiros passos do Cencal são de 1982). Vicente do Carmo, quadro superior da Secla e futuro director do Cencal, procura atraí-lo de novo para as Caldas. Começa por se deslocar três dias por semana a esta cidade, permanecendo um dia na Secla (onde realiza sobretudo peças de suspensão, placas, para pequenas edições) e dois

no Cencal. Em 1985, acabará por deixar definitivamente o Porto, fixando-se de novo nas Caldas da Rainha.

Durante cerca uma década manterá uma relação privilegiada com o Cencal, onde faz formação e realiza projectos especiais sob encomenda da sua direcção. Paralelamente, responde a grandes encomendas, de organizações públicas e privadas que lhe solicitam projectos decorativos cerâmicos para novas edificações. Desta forma, pode dizer-se que o centro de interesse que, de forma mais sistemática, emerge nesta fase da actividade de Ferreira da Silva é o azulejo.

Em 1999, encontrou na “Molde”, uma inovadora fábrica de faiança das Caldas da Rainha, disponibilidade para utilização dos seus espaços, laboratório e fornos e é lá que tem continuado a produzir, sobretudo azulejo, tanto para as encomendas como para as exposições individuais ou colectivas em que tem participado.

Em 2002 aceitou um repto da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz para participar na iniciativa “Museu Aberto” organizada em Monsaraz. Como artista convidado, desenvolveu, em articulação com uma olaria de S. Pedro do Corval, um projecto intitulado “Mito e Inquietação: Leda e o Cisne”, com utilização de um modo operativo já por si experimentado: descontextualizar peças da olaria tradicional (bilhas, alguidares, tigelas, vasos) para com elas construir conjuntos simbólicos ou peças de grandes dimensões que ousam desafiar os espaços públicos urbanos.

No rescaldo da experiência de Reguengos, Ferreira da Silva retoma nas Caldas da Rainha um projecto complexo, que tinha iniciado anos antes junto aos edifícios da Administração do Centro Hospitalar e do Museu do Hospital e das Caldas, versando o tema das 4 estações e que tinha a intenção de dedicar a Gil Vicente, autor protegido da Rainha fundadora do Hospital e das Caldas.

Desde essa altura que, a par de um regresso ao desenho, à pintura, e à gravura, desenvolve uma nova área de trabalho, o vitral, combinando o vidro e metal através de um processo de fusão a elevadas temperaturas. Estes produtos onde o artista, seduzido pelas texturas, pelas cores e pelo imprevisto da alta temperatura, não deixa de combinar o apelo à inovação – sempre presente na sua obra – com as marcas que historicamente definiram o seu percurso, foram pela primeira vez mostrados na Galeria Osiris, da Câmara Municipal das Caldas da Rainha em 2006 (Ferreira da Silva, “Vidro: o Outro Nome da Terra”, Janeiro de 2006).

Ferreira da Silvabibliografia passiva

- 20 Anos da Gravura* [1976], Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- 50 anos de cerâmica caldense 1930-1980* [1990], Cencal, Caldas da Rainha.
- Alberto Pinto Ribeiro [1989], *A nova cerâmica das Caldas (sec. XX)*, Edição do autor, Lisboa.
- Carla Tomás [1993], “Ferreira da Silva - um ceramista integral”, in *Cerâmicas*, n.º 15, Cencal, Caldas da Rainha
- Exposição de Artes Plásticas* [1957] Catálogo da Exposição organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian na Sociedade Nacional de Belas Artes de 7 a 31 de Dezembro, Lisboa.
- Helena Gonçalves Pinto [1999], “Um projecto de renovação na Cerâmica: O Estúdio Secla”, In *Estúdio Secla: Uma Renovação da Cerâmica Portuguesa*, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa.
- Helena Gonçalves Pinto [2002], “Momentos da Cerâmica de Autor. Parte I: Os Primeiros Anos da Secla. A obra dos artistas Hansi Staell e Ferreira da Silva”, in *Cidade Termal. Boletim de Cultura Urbana*, n.º 1, Maio, Caldas da Rainha.
- Isabel Xavier [1990], “O Fabrico da Faiança nas Caldas da Rainha: evolução técnica”, in *50 anos de cerâmica caldense 1930-1980*, Cencal, Caldas da Rainha.
- João B. Serra [1966], “Visita a uma fábrica de cerâmica”, in *Diário de Lisboa* (Suplemento *Juvenil*), edição de 14 de Junho, Lisboa
- João B. Serra [1990], “1927-1977: Três tempos da cerâmica caldense”, in *50 anos de cerâmica caldense 1930-1980*, Cencal, Caldas da Rainha.
- João B. Serra [1991], *Arte e indústria na cerâmica caldense (1853-1977)*, Património Histórico-Grupo de Estudos, Caldas da Rainha.
- João B. Serra, [1992], “Ferreira da Silva, o Artista”, in Vasco Trancoso, *Album de Figuras Caldenses 1990/1991*, Montepio Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha.
- João B. Serra [2000], *Continuação: Crónicas dos anos 50/60*, Património Histórico - Grupo de Estudos/Gazeta das Caldas, Caldas da Rainha.
- João B. Serra [2001], *Entrevista a Ferreira da Silva*, Caldas da Rainha, 21 e 27 de Abril, inédita.
- João B. Serra, com a colaboração de Margarida Araújo [2001], *Ferreira da Silva: cerâmica industrial, cerâmica de autor*, in “Jornadas de Olaria e Cerâmica, VII Festa

Ibérica da Olaria e do Barro, S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz [comunicação inédita].

João B. Serra, “Ferreira da Silva” [Nota introdutória à Exposição “Mito e Inquietação: Leda e o Cisne”]. In *Monsaraz Museu Aberto*, catálogo, Reguengos de Monsaraz, 2002.

João B. Serra [2002], “Ferreira da Silva em Reguengos de Monsaraz”, in *Gazeta das Caldas*, edição de 14 de Junho, Caldas da Rainha.

João B. Serra [2006], “Ferreira da Silva: Breve Nota Biográfica”, in *Vidro: o Outro Nome da Terra*. Catálogo. Caldas da Rainha,

Joaquim Matos Chaves [1999], “Ferreira da Silva”, in *10 Anos: 1989-1999*, Ygrego Galeria de Arte, Lisboa.

José Augusto-França [1985], *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, 2ª ed., Bertrand Editora, Lisboa.

Luiz Pacheco [1965], “Ferreira da Silva: a cerâmica é uma arte de cozinha, cem por cento pantagruélica”, in *Jornal de Letras e Artes*, edição de 21 de Julho, Lisboa.

Luiz Pacheco [1966] “O caso Ferreira da Silva”, in *Maravilhas & Maravalhas Caldenses*, Outubro, Caldas da Rainha (mimeo).

Margarida Gouveia [1993], *Paredes de louça, Azulejos de fachada das Caldas da Rainha*, Património Histórico-Grupo de Estudos, Caldas da Rainha.

Natacha Narciso [2001], “Ferreira da Silva, o Mestre que tenta pintar a Luz”, in *Gazeta das Caldas*, Suplemento, edição de 28 de Dezembro.

Ofélia Sinais e Signos [1994], Catálogo. Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Caldas da Rainha.

Paulo Henriques [1999], “O Estúdio da Fábrica Secla. Entre a Arte e o Design. In *Estúdio Secla: Uma Renovação da Cerâmica Portuguesa*, Museu Nacional do Azulejo, Lisboa.